

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA  
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO PROFISSIONAL  
ESTADO DE SÃO PAULO

*A Escola  
Técnica Superior*

PROF. HORACIO A. DA SILVEIRA

Publicação n.º 24

SÃO PAULO  
NOVEMBRO  
1 9 4 0

— CURSO DE ARTES GRÁFICAS —  
INSTITUTO DONA ESCOLASTICA ROSA  
ESCOLA PROFISSIONAL SECUNDARIA  
SANTOS

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA  
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO PROFISSIONAL  
ESTADO DE SÃO PAULO

*A Escola  
Técnica Superior*

PROF. HORACIO A. DA SILVEIRA

Publicação n.º 24

SÃO PAULO  
NOVEMBRO  
1 9 4 0

— CURSO DE ARTES GRÁFICAS —  
INSTITUTO DONA ESCOLASTICA ROSA  
ESCOLA PROFISSIONAL SECUNDARIA  
SANTOS

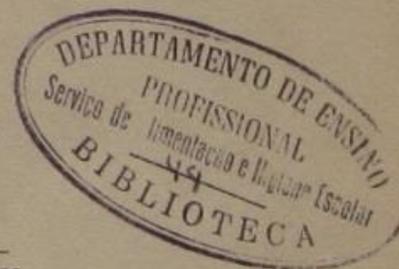
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA  
SUPERINTENDÊNCIA DO ENSINO PROFISSIONAL  
ESTADO DE SÃO PAULO



# A Escola Técnica Superior

Exposição de motivos e defeza  
do plano de sua instalação,  
apresentadas pelo  
Prof. HORACIO A. DA SILVEIRA  
Superintendente do Ensino Profissional.

Publicação n.º 24



— EDIÇÃO DO —  
INSTITUTO D. ESCOLASTICA ROSA  
Escola Profissional Secundária  
— SANTOS —

48  
1

### AS PRIMEIRAS ESCOLAS PROFISSIONAIS

Até 1910, nada se havia feito no Brasil, como organização definida e de envergadura, no vasto campo do ensino das artes e ofícios. Com efeito, não havia um aparelhamento sistematizado de educação técnica. Apareceram, é certo, alguns centros de instrução profissional: eram quasi todos, porem, localizados em casas de caridade. Sómente aos desamparados, aos mais pobres e humildes, reservava-se um rudimentar aprendizado de artes e ofícios. Às classes menos desfavorecidas, à juventude que contava com o amparo paterno, ninguém ousaria acenar com o ensino profissional. Seria imperdoável insulto.

Séculos de escravatura cavaram em nossa consciência coletiva fundos sulcos reveladores de sua nefasta vigência. O trabalho manual, o labor árduo que enrija os braços e caleja as mãos, êsse era única e exclusivamente tarefa de escravos.

Foi assim até 1888. E depois, ainda persistiu o preconceito. Preconceito e atrazo, que se conjugavam, de mãos dadas, numa aliança sinistra, impedindo que a nossa mocidade, estuante de vida e de vigor, empunhasse as ferramentas do trabalho e acoresse às oficinas e aos campos.

Essa situação não podia perdurar. País novo, recebendo animadores influxos de progresso, o Brasil marchava a passos firmes para um futuro prometedor. A nossa juventude não poderia permanecer inativa, diante da grande tarefa de construir uma Pátria. Urgia ensinar-lhe a trabalhar.

Para que servem mãos incapazes de produzir?

São Paulo percebeu que era preciso encarar de frente, com ousadia e pulso firme, a delicada questão. E' certo que havia selvas de preconceitos, entrelaçadas de liames de aversão ao trabalho manual e desprezo mesmo pelo ensino de artes e ofícios: não seriam, contudo, mais difíceis de vencer do que as glebas de mata virgem devassadas pelos nossos antepassados.

Resolutamente, o Governo do Estado encarou o problema. Corria o ano de 1911, quando os Decretos 2118-A e 2118-B, de 28 de setembro, instituíram as primeiras escolas profissionais de São Paulo. Eram apenas 4 estabelecimentos — duas escolas na capital, masculina e feminina — e duas no interior, localizadas em Amparo e Jacareí.

Embora insuficientes, apesar de suas instalações incompletas, mau grado tôdas as imperfeições e falhas inevitáveis, êsses quatro centros de educação técnico-profissional representavam um papel relevantíssimo.

Eram as escolas pioneiras, os primeiros núcleos, as primeiras promessas de redenção do trabalho, elevado à categoria de necessidade orgânica, social e moral, transformado em cruzada de civismo e em bênção, não mais em labéio infamante de escravos ou párias.

Não foi fácil, entretanto, a tarefa de instalar e manter êsses estabelecimentos iniciais. Campeava livremente o incrível conceito de que era humilhante ser trabalhador manual. E as escolas iniciaram a luta.

Os diretores, o pessoal docente, os mestres e mais acima o Dr. Carlos Guimarães, então Secretário do Interior, e o professor Oscar Thompson, diretor da Instrução Pública, lançaram-se ao trabalho. Era preciso convencer

inicialmente os pais que tinham filhos em idade escolar. Um serviço persistente e demorado, de verdadeira catequese, conseguiu afinal garantir a matrícula e a frequência de razoável número de alunos nos estabelecimentos de ensino profissional.

Não bastava conseguir alunos, todavia. Era preciso ensinar. E havia falta, desesperadora falta de mestres bem orientados, capazes de transmitir seus conhecimentos aos alunos.

A muito custo, conseguiram impôr-se 3 escolas. A quarta, instalada em Jacareí, não resistiu: veio a fechar-se, por não ser possível o seu regular funcionamento. As escolas da Capital e a de Amparo venceram brilhantemente, e graças ao apôio constante do Governo do Estado, foram anulando paulatinamente os preconceitos e os entraves.

As escolas iniciais eram de tipo simples, com 3 anos de curso, e um reduzido programma de disciplinas de cultura geral: apenas Matemática e Noções de Desenho, ao lado das aulas práticas de oficinas. Cuidava-se muito mais do trabalho manual. Os alunos visavam sobretudo um aprendizado prático imediato, com rápida possibilidade de emprêgo. As aulas teóricas, se não diretamente ligadas ao trabalho nas oficinas, não conseguiam despertar interesse. O fato era natural, tendo-se em conta que o pendor para os estudos especulativos não é generalizado, nem se encontra frequentemente entre os jovens que demonstram tendência para o trabalho manual.

De um extremo, passara-se quasi, como sempre acontece, a outro extremo. Da completa aversão ao trabalho manual e decidido pendor para os estudos intelectuais, à completa aversão pelos estudos culturais e manifesta inclinação pelo serviço técnico das oficinas. Eram duas classes — a dos intelectuais e a dos trabalhadores braçais, que não conseguiam fundir-se numa aliança feliz e produtiva.

## O ENSINO DE PORTUGUÊS, GEOGRAFIA e HISTÓRIA

Apesar de tôdas as dificuldades, as 3 escolas existentes provaram a sua excelência. Já não era possível negar o valor da educação técnica. Em bôa fé, ninguém poderia descrer dos benefícios que êsse novo tipo de estabelecimentos de ensino proporcionava à coletividade.

Alunos diplomados por essas escolas galgavam rapidamente postos de destaque nas nossas incipientes indústrias. Crescia a procura de técnicos formados nas escolas profissionais. E as matrículas, sempre baseadas na lei da oferta e da procura, aumentavam a olhos vistos.

Julgando definitivamente vitoriosa a idéia, o Govêrno do Estado, em 1919, cuidou de desenvolver a parte de aulas teóricas. Já não era bastante ensinar a trabalhar mecanicamente. Tornava-se necessário dar ao obreiro uma instrução geral que lhe permitisse progredir, raciocinar com segurança e tornar-se possuidor de razoável grau de cultura intelectual. Era a desejada aliança dos cérebros e das mãos, no bemdito esforço da produção.

O decreto 1711, de 27 de dezembro de 1919, introduziu então, nas escolas profissionais, o ensino de Português, Geografia, História Pátria e de Instrução Moral e Cívica. E, como acontece com tôdas as inovações, surgiu a reação. Alunos e seus pais rebelavam-se contra a nova concepção do trabalho manual aliado ao cultivo do intelecto. E a luta, mais uma vez, estabeleceu-se entre as populações, de um lado, e as escolas profissionais, de outra parte. Permaneceu o ensino de Português, porem não foi possível, nem aconselhável no momento, conservar o de Geografia e História.

As indústrias desenvolviam-se cada vez mais. Aumentava sempre a procura de técnicos. Os artífices egressos das Escolas Profissionais eram bem recebidos em tôdas as oficinas. E outros novos estabelecimentos de ensino de artes e ofícios foram creados, para atender às necessidades das indústrias, que reclamavam técnicos, e do povo

em geral, que procurava encaminhar a juventude dos cursos primários para os centros de educação técnico-profissional.

## A FORMAÇÃO DE MESTRES

Impusera-se definitivamente o nome das escolas profissionais. Estava rehabilitado o trabalho manual. Dia a dia, decrescia o número dos que o consideravam estigma infamante de escravidão.

As escolas entretanto, já bem numerosas e com bôa matrícula, lutavam ainda com um problema sério: a falta de mestres especializados para a tarefa de ensinar a trabalhar. Até então, recorrera o ensino profissional a operários competentes, porem não preparados para o magistério. Eram valiosos elementos, dedicados e entusiastas. Fizeram quanto lhes era possível. O próprio desenvolvimento das indústrias, entretanto, impunha a renovação e a especialização dos quadros de mestres. Novos processos de trabalho surgiam. Tornava-se cada vez mais complexo o aprendizado. Urgia, portanto, encontrar mestres que soubessem ensinar dentro dos preceitos pedagógicos modernos. Carecíamos de técnicos cientificamente preparados: os antigos mestres, recrutados nas indústrias, eram obreiros formados empiricamente. Já havia passado a sua vez. Cumpria ceder caminho aos novos mestres.

Onde encontrar, porem, êsses novos mestres?

Não havia fonte que fornecesse tais elementos, indispensáveis ao desenvolvimento e à perfeição do ensino técnico. Mais uma vez, felizmente, não faltou o apôio do Govêrno do Estado ao Ensino Profissional. Entre 1930 e 1931, foram creadas, sendo diretor do Ensino o Dr. Manoel Bergstrom Lourenço Filho, as duas primeiras escolas destinadas à formação de mestres para o ensino profissional. Eram os cursos de aperfeiçoamento, instalados nas Escolas Normais de Artes e Ofícios da Capital — Masculina e Feminina — visando aproveitar-lhes os melhores alunos. A êsses alunos dava-se a oportunidade de uma especializa-

ção mais completa, em dois anos, com o estudo de novas disciplinas, para transformá-los em mestres. Nessa ocasião ocupávamos o cargo de diretor da Escola Normal Feminina de Artes e Ofícios e, em companhia do diretor da Escola Masculina e dos vice-diretores dos dois estabelecimentos, fomos nomeados lentes do referido curso. Essa nomeação positivou-se apesar de nossa relutância, a convite insistente das autoridades superiores.

Os cursos de aperfeiçoamento, até hoje existentes, corresponderam plenamente às suas elevadas finalidades. A êles devemos, por certo, grande parte do atual grau de eficiência do ensino técnico-profissional em São Paulo.

As nossas indústrias, entretanto, continuavam em acelerado ritmo de progresso. Aumentava cada vez mais a necessidade de obreiros dotados de técnica mais aperfeiçoada. E como atender, na medida do possível, a essa carência de mão de obra especializada e consciente?

A resposta ocorre naturalmente: urgia elevar ainda mais o nível intelectual e técnico-profissional dos alunos das nossas escolas de artes e ofícios.

#### CÓDIGO DE EDUCAÇÃO

Em 1933, sendo diretor geral do Ensino o Dr. Fernando de Azevedo, cuidou o Governo do Estado de consolidar as leis esparsas, em matéria de educação, reunindo-as em um só decreto. Ao lado das disposições legais já existentes, passaram então a figurar novos preceitos de inegável oportunidade. A causa da instrução pública beneficiou-se largamente com o Código de Educação, constituído pelo Decreto n. 5.884, de 21 de abril de 1933.

Para o ensino profissional, particularmente, o Código de Educação marcou novos rumos mais seguros e devassou perspectivas mais amplas. A comissão encarregada de estudar os problemas relacionados com o ensino técnico, para elaboração dos dispositivos legais a respeito, contidos no Código, da qual fazíamos parte, como diretor do Instituto Profissional Feminino, em companhia do Prof.

Aprigio Gonzaga, diretor do Instituto Profissional Masculino da Capital, desde logo orientou seus trabalhos no sentido de ampliar ainda mais o quinhão de matérias de cultura geral reservado aos jovens alunos dos estabelecimentos de ensino profissional. Reconhecia-se a necessidade de formar obreiros mais capazes e mais cultos. A afluência de candidatos à matrícula, por outro lado, já permitia pensar-se em seleção para ingresso.

E a comissão resolveu acrescer a parte de aulas teóricas, nas escolas profissionais, que dessa data em diante passou a constar das seguintes disciplinas: Português, Geografia, História do Brasil, Desenho Técnico, Matemática, Noções de Física Mecânica e de Eletricidade, Tecnologia, Plástica, Educação Física, Cantos Orfeônicos e Hinos Patrióticos.

Conservava-se o ciclo escolar de três anos, com acréscimo de um ano de curso vocacional. Era esta uma inovação ousada, que o bom nome e o elevado conceito que o ensino profissional merecia autorizavam a tentar. Foi por esse motivo que, fortalecidos pela convicção que nos advinha de longa prática no trato contínuo das questões de educação, ligadas ao ensino técnico, defendemos naquela comissão, redatora do Decreto 5.884, a necessidade de incluir mais algumas disciplinas teóricas no curso profissional. Tal proposta se concretizou, contudo, após minucioso exame do problema e tendo sempre em vista um escopo definido: foram cuidadosamente selecionadas as diversas disciplinas, afim de que não houvesse pleora das mesmas, em detrimento da parte de trabalhos manuais, nem excesso desta, em prejuízo da primeira. Como orientação uniforme, estabeleceu-se apenas, como verificamos acima, o ensino de matérias intimamente relacionadas com o trabalho das oficinas, como a Física, a Eletricidade, o Desenho Técnico, a Tecnologia, a Plástica, e de outras, indispensáveis para a cultura geral, como Português, História do Brasil e Geografia.

Afim de estabelecer diferenciação entre as escolas de

novo tipo e as escolas profissionais primárias, resolveu-se dar às mais adiantadas a denominação de — Escolas Profissionais Secundárias: e o eram, realmente, em relação às de tipo mais simples, com apenas dois anos de curso.

Foram acertadas e felizes as providências tomadas pelo Decreto 5.884. As inovações introduzidas pelo Código de Educação provaram bem e até hoje se conservam, em linhas gerais, as medidas postas em vigor em 21 de abril de 1933. Daí por diante, a marcha do ensino profissional em nosso Estado, até 1940, acha-se pormenorizada em nossa publicação número 22 — Realizações do Ensino Profissional em São Paulo — 1930-1940.

Verifica-se, acompanhando a evolução de nossos trabalhos, quão acertada foi a diretriz, estabelecida pelo Código de Educação. Resistimos, felizmente, ao desejo de alguns estudiosos e pedagogos, que queriam colocar o curso propedêutico de humanidades ao lado do curso profissional. O pendor para os estudos especulativos nunca foi acentuado entre a juventude das escolas profissionais. Bastou-lhe, e lhe basta ainda, a cultura razoável que as escolas proporcionam. O congestionamento dos programas, com a inclusão de disciplinas não diretamente ligadas à atividade profissional, seria um êrro de funestas consequências.

Com efeito, o período escolar, nos estabelecimentos de ensino profissional, é mais curto que o dos cursos ginasiais, ao mesmo tempo que a necessidade de proporcionar aos alunos de nossas escolas dois terços de aulas práticas de oficinas, tornaria impossível a sobrecarga de aulas gerais do curso de humanidades.

Foi evitado em tempo, felizmente, êsse temerário gesto, arriscada e inútil tentativa de formar obreiros de grau profissional médio ou secundário, obrigando-os a vencer as dificuldades do ensino propedêutico, com aulas de Latim, de Grego, de História da Civilização, de Psicologia, de tantas outras disciplinas cabíveis somente na formação de intelectuais ou de técnicos de grau profissional muito mais avançado.

## UM PROBLEMA QUE RECLAMA SOLUÇÃO

Chegamos assim ao ano de 1940. Sólidos alicerces implantaram firmemente as escolas profissionais no conceito unânime de governantes e governados. Ostentam-se as escolas em toda a sua pujança, graças ao esforço, à tenacidade, ao trabalho incessante dos professores normalistas que se incumbiram da tarefa difícil de criar êsse novo tipo de ensino em nossa terra. Caiba aqui uma palavra de gratidão e respeito para essa classe admirável de pedagogos que, auto-didatas capazes, levaram avante a tarefa grandiosa da implantação do ensino profissional em São Paulo. Faça-se justiça; com raríssimas e muito honrosas exceções, foram os mestres primários os construtores do ensino de artes e ofícios, como também de outras inúmeras obras nos diferentes campos da educação popular. Como diretores das primeiras escolas, como professores das aulas gerais, os normalistas, salvo poucas exceções, foram os que levaram a bom termo a grande tarefa.

Milhares de artífices diplomados pelos nossos estabelecimentos de ensino técnico, graças ao denodado trabalho dos professores primários que se dedicaram de corpo e alma à causa da educação técnica, emprestam seu valioso concurso à nossa indústria. E esta, graças em parte a êsses técnicos esclarecidos, acelera cada vez mais o seu ritmo de progresso, atacando novos setores, empreendendo novas iniciativas, embrenhando-se em tarefas cada dia mais complexas.

Consequência lógica dêsse desenvolvimento das indústrias é o progresso da técnica. E com o avanço desta, cresce a exigência instantânea de técnicos mais capazes. Os grandes estabelecimentos manufatureiros reclamam condutores de trabalho, mestres gerais, dirigentes de oficinas.

Ao mesmo tempo que tal se verifica, uma outra classe de trabalhadores começa a tornar-se necessária para

os estabelecimentos industriais. Com efeito, entre os engenheiros, que representam o ponto culminante da cultura intelectual e técnica nas indústrias, e os artífices diplomados pelas escolas profissionais secundárias, bem como pelos cursos de aperfeiçoamento, não há um agente intermediário, mais que estes, em cultura geral e técnica, mais do que aqueles, em técnica operatória realizadora. Não há braços altamente especializados; faltam obreiros esclarecidos, dotados de cultura geral mais sólida, de cérebro mais desenvolvido e apto ao estudo especulativo. Faltam homens desse gênero, que aliem a cultura ao conhecimento prático do trabalho, à capacidade de dirigir e de ensinar operários, fazendo com as próprias mãos os serviços mais delicados ou as operações que seja preciso mostrar como devam ser feitas, aos trabalhadores menos especializados.

Por outro lado, os estabelecimentos de ensino profissional também reclamavam e reclamam pessoal cada vez mais especializado para a administração das escolas profissionais. Urge renovar os quadros de diretores e mestres. Instituiu-se mesmo um Curso Rápido de Emergência, para a formação de diretores; era alguma coisa, mas não o suficiente. Precisamos de diretores técnicos, dotados de habilidade manual, ao mesmo tempo que carecemos de mestres cada vez mais preparados, quasi engenheiros, com muito de pedagogos. Onde encontrá-los, bem como a professores de aulas gerais, capazes ao mesmo tempo de lecionar nas oficinas e nas salas de estudo? Onde buscar esses elementos indispensáveis à renovação dos quadros e aptos a garantir a continuação eficiente do ensino e o seu progresso em conexão com o progresso das indústrias?

Não seria e não é viável, contudo, o acréscimo de disciplinas ou de tempo de estudo nas escolas profissionais dos tipos existentes. Ao mesmo tempo, não se obteria

com a medida, caso pudesse ser posta em prática, a solução do problema. Passariam a faltar, então, artífices de grau profissional médio, sobrando técnicos altamente instruídos e especializados. E não conseguiríamos, com isso, diretores e professores para os estabelecimentos de ensino profissional.

Como resolver o problema?

## NOVOS RUMOS

Nessa ocasião angustiosa, em que se cogitava da solução do premente problema da falta de técnicos superiores, mais uma vez o Ensino Profissional em São Paulo recebeu o apôio constante e o influxo animador do Governo do Estado. Com efeito, o Dr. Adhemar de Barros, com nítida visão das necessidades de nossas indústrias, deu um passo que reputamos decisivo para os destinos da educação técnico-profissional: confiou-nos o Sr. Interventor Federal a honrosa incumbência de estudarmos um plano para instalação de grande escola técnico-profissional em São Paulo, em terreno para êsse fim já adquirido pelo Governo do Estado.

Num relance, ocorreu-nos ser essa oportunidade feliz, devida ao zelo administrativo e à incansável operosidade de nosso governador, o ponto de partida para a definitiva solução do problema que tanto nos preocupava. Cautelosos que sempre fomos, inimigos de aventuras e de experiências arriscadas, se resolvemos lançar as bases de um novo tipo de escola, foi somente após demorado e minucioso estudo da questão. À primeira vista, pode parecer por demais avançado o que propomos. Mas, se nos despimos de receios e gizamos o plano a seguir, foi exclusivamente pela certeza plena que temos de que o projeto, uma vez concretizado, responderá às nossas necessidades:

atenderá, por muitos e muitos anos, ao fornecimento de braços e cérebros capazes, para a indústria nacional, bem como garantirá aos estabelecimentos de ensino técnico a renovação de seus quadros, com a formatura de numerosos grupos de técnicos altamente especializados, dotados de grau suficiente de cultura geral. Disso nos constituímos fiadores, com a autoridade que, modéstia à parte, nos advem da longa prática no trato dos problemas do ensino técnico-profissional.

## A ESCOLA TÉCNICA SUPERIOR

Depois de acurado estudo da questão, recorrendo à experiência acumulada em longos anos de exame do problema de que tratamos agora, a Superintendência do Ensino Profissional vem de lançar as bases de um novo tipo de escola profissional que poderá fornecer ao País os técnicos intermediários, altamente especializados, de que agora carecemos mais do que nunca. É a Escola Técnica Superior que, organizada nos moldes estabelecidos pelo plano a seguir e esboçados no gráfico que ilustra estas considerações, acreditamos firmemente venha a converter-se em um centro de preparação eficiente de profissionais dotados de alto grau de especialização, capazes de garantir o harmônico entendimento entre engenheiros e a massa de trabalhadores. Conseguir-se-á, dessa maneira, muito maior rendimento do trabalho industrial, com evidentes lucros para o País: e é êsse o único escopo dêstes planos, que óra submetemos à apreciação dos estudiosos do assunto, aceitando com prazer a contribuição daqueles que nos queiram honrar com a sua colaboração técnica, para eventuais modificações, que porventura possam aumentar o grau de eficiência que estamos certos de conseguir na organização da Escola Técnica Superior. Êsse elevado grau de eficiência mais do que nunca, torna-se agora indispensável, com a benemérita iniciativa da instalação da indústria siderúrgica em nosso País, devida ao patriotismo realizador do Dr. Getúlio Vargas.

À primeira vista, talvez pareça temerário e dispendioso o plano. Não se trata de dispêndio, contudo. É apenas capital colocado a bons juros, capaz de render benefícios incalculáveis para a coletividade nacional e de multiplicar a nossa riqueza. Seja preparando profissionais competentes para as indústrias, seja formando diretores, professores e mestres para os estabelecimentos de ensino profissional, a Escola Técnica Superior sempre estará contribuindo poderosa e imediatamente para acréscimo do nosso potencial econômico e para o progresso geral de nossa terra. E tais objetivos não poderiam ser atingidos sem uma escola dotada de instalações completas. Sem edifícios adequados, laboratórios bem aparelhados para estudo da química, da física, da eletrotécnica, etc., seria impossível pretender dar ao ensino técnico a alta especialização a que pretendemos e precisamos chegar.

#### PREPARAR A JUVENTUDE PARA A VIDA PRÁTICA

Em 1933, falando ao povo baiano, já dizia o eminente Dr. Getúlio Vargas:

— “O raciocínio, força máxima da inteligência, deve ser aperfeiçoado, principalmente por sabermos que o trabalho manual também o exige, pronto e arguto. Não deixa de haver certo fundo de verdade na afirmação do psicólogo: — O homem que conhece bem um ofício possui, só por esse fato, mais lógica, mais raciocínio e mais aptidão para refletir do que o mais perfeito dos retóricos.

“A instrução que precisamos desenvolver até o limite extremo de nossas possibilidades é a profissional e técnica. Sem ela, sobretudo na época caracterizada pelo predomínio da máquina, é impossível trabalho organizado”.

Foi tendo em vista essas palavras vibrantes de entusiasmo do preclaro presidente da República, que nos decidimos a esboçar o plano tendente a preparar para a vida prática a juventude brasileira.

Realmente, a organização que propomos, sob a denominação de Escola Técnica Superior, visará precipuamente

aproveitar, encaminhando-a para os trabalhos técnicos, a juventude que deixa os cursos ginasiais com o bacharelato em ciências e letras, sem possuir contudo habilitações definidas para os trabalhos da vida prática.

Os nossos cursos de humanidades representam apenas um meio, e não um fim. Dão à mocidade grau médio de cultura intelectual, porém não a preparam para o exercício de determinadas atividades na luta pela vida. Os jovens que deixam os ginásios e outros cursos secundários, precisam encaminhar-se para as escolas superiores, afim de completarem a sua instrução, recebendo nestas a orientação profissional que os habilite para atividades práticas: a grande maioria, entretanto, ao deixar os ginásios, não possui recursos e pendor natural para a continuação dos estudos em academias superiores.

Os cursos superiores prolongam-se geralmente por sete a oito anos, incluindo-se os dois anos de curso preliminar. O estudo é demorado e dispendioso. Após a formatura, há sempre um período em que a produção, na vida real, é praticamente nula. Todos esses motivos concorrem para afastar dos estudos mais avançados a grande maioria dos que se diplomam nos cursos secundários.

A Escola Técnica Superior propõe-se atrair essa juventude, dotada de satisfatório grau de cultura intelectual, dando-lhe rapidamente, em três a quatro anos, uma habilitação definida, transformando-a em massa de técnicos altamente especializados, capazes de imediato e eficiente rendimento de trabalho, nas indústrias e nos estabelecimentos de ensino profissional, logo após a conclusão do curso. O curso da Escola Técnica Superior visa oferecer aos alunos o máximo de preparação para a vida prática, com o mínimo de despesas e de período de aprendizado.

Ao mesmo tempo, cumpre salientar que será constituído um contingente de técnicos para a direção das Escolas Profissionais e para os cargos docentes das mesmas. Serão técnicos capazes nas aulas de cultura geral e nas de oficinas, possuindo habilitação manual definida que lhes

permitirá atividades compensadoras e lucrativas, nas horas vagas, fóra da Escola. Será esse o meio de reajustar os vencimentos dos professores e mestres, aos quais o Estado, em parte alguma do mundo, pode oferecer ordenados tão elevados quanto as indústrias proporcionam.

Releva notar, ainda, outro aspecto importante da utilidade da organização que propomos: o aproveitamento do grande contingente feminino, que constitue número apreciável, nos cursos de ciências e letras, e ao qual se abre hoje, quasi exclusivamente, a carreira do magistério primário. A Escola Técnica Superior também abrirá suas portas a essas jovens que poderão, em dois a três anos, especializar-se em alimentação, tornando-se dietistas, professoras e inspetoras para as Escolas Profissionais, para Escolas Normais, Ginásios e outros estabelecimentos de ensino, para cozinhas de distribuição de alimentos, refeitórios públicos, hospitais, crèches, asilos, internatos colegiais e outros inúmeros campos de atividade, inclusive dentro do próprio lar.

Julgamos desnecessário encarecer a alta significação desse tipo de escola, capaz de imprimir novos rumos aos problemas da alimentação racional em nosso País, abrindo às nossas jovens patricias as portas de escolas perfeitamente aparelhadas para em pouco tempo transformá-las em elementos indispensáveis para a melhoria da raça, pela alimentação conscientemente preparada e estudada.

#### FINALIDADES DA ESCOLA TÉCNICA SUPERIOR

Acreditamos atender, com a Escola Técnica Superior, a uma das mais evidentes necessidades de nossa terra: a de proporcionar à mocidade que hoje deixa os ginásios o ensejo de especializar-se em atividades que trarão imediato benefício à economia nacional e aos próprios jovens que assim se adextrarem para a vida prática. Evitaremos, dessa forma, o enorme dispêndio de energias e de tempo, que agora a mocidade não pôde evitar, por falta de orientação definida, exaurindo-se num esforço

improdutivo até encontrar sua diretriz na vida prática, com o trabalho que lhe convenha.

Como finalidades principais e relevantes, a Escola Técnica Superior propõe-se a:

- 1.º — Formar condutores de trabalho para as indústrias, preparando técnicos altamente especializados, intermediários entre as profissões de engenheiro e de artífice;
- 2.º — Formar professores e mestres para os estabelecimentos de ensino profissional do Estado ou particulares;
- 3.º — Formar dietistas, professoras e inspetoras de alimentação, para as escolas profissionais do Estado, escolas normais, ginásios e estabelecimentos congêneres que possuam ou venham a possuir cursos dessa especialidade, bem como hospitais, asilos, internatos colegiais, serviços públicos de alimentação, etc.
- 4.º — Formar diretores e inspetores de escolas profissionais, oficiais ou não, os quais poderão ainda, com melhor preparo, encarregar-se da direção de grandes empresas industriais.

#### AS ESCOLAS ANEXAS

Ao mesmo tempo que receberá os jovens dos ginásios, a Escola Técnica Superior compreenderá ainda outras duas partes, igualmente relevantes e dotadas de instalações completas e perfeitas, se bem que funcionem apenas como complemento e campo de prática para os alunos de seus cursos superiores. Essas partes são duas escolas anexas, a saber:

- a) — ESCOLA PROFISSIONAL SECUNDARIA OU ESCOLA DE APLICAÇÃO ANEXA — Com matrícula limitada, recebendo alunos diplomados pelos

cursos primários ou outros com habilitação equivalente, aos quais proporcionará preparação profissional média; e

- b) — **CURSOS RÁPIDOS DE APRENDIZADO E APERFEIÇOAMENTO** — Mantidos em colaboração com as indústrias ou independentemente, para trabalhadores já em serviço nas fábricas ou outras pessoas que queiram adquirir habilitação, em cursos abreviados de 3 a 12 meses, em determinados ofícios.

Estas duas escolas, funcionando anexas à Escola Técnica Superior, serão, como dissêmos, valiosos campos de prática para os alunos dos cursos mais adiantados. Nelas farão os futuros condutores de trabalho, mestres, professores, diretores e inspetores, estágios de prática de direção e de observação dos trabalhos, aplicando os conhecimentos pedagógicos e preparando-se em situação real para uma atuação eficiente nas indústrias e nas escolas profissionais onde futuramente irão servir.

Não é de desdenhar-se, todavia, o concurso que as duas escolas anexas prestarão às indústrias e ao ensino de artes e ofícios em geral, seja preparando rapidamente, em cursos abreviados, repetidas turmas de trabalhadores, seja diplomando anualmente um grupo selecionado de artífices com instrução profissional média cuidadosamente desenvolvida e bastante satisfatória para os trabalhos mais comuns da indústria.

Acreditamos atender assim, simultaneamente, a três importantes objetivos: proporcionar um campo de prática aos técnicos superiores, dotar o ensino profissional secundário, nos moldes existentes, de mais uma escola profissional secundária perfeitamente aparelhada, e finalmente oferecer à indústria um centro de preparação rápida de obreiros especializados para diferentes tarefas industriais, com um curso essencialmente prático e simples, que permita a formação abreviada de operários qualificados em determinadas operações manuais.

## O GABINETE DE PSICOTÉCNICA

Para que a Escola Técnica Superior possa atingir plenamente às suas elevadas finalidades, tornando-se não apenas um centro de preparação de profissionais competentes, mas ainda um laboratório de estudos da mais alta importância para os problemas educativos do ensino em geral, terá a organização, como pórtico de acesso, um Gabinete de Psicotécnica perfeitamente aparelhado. A esse Gabinete de Psicotécnica competirão diversas tarefas, todas elas igualmente relevantes, como sejam:

- a) — Seleção dos candidatos à Escola Técnica Superior, mediante exame biológico e provas de apuração vocacional. (Os referidos candidatos submeter-se-ão, ainda, a exame vestibular de Desenho e Matemática, feito pelo órgão competente da Escola).
- b) — Seleção biológica dos candidatos que serão encaminhados à Escola de Aplicação anexa. (Para estes haverá, por meio das secções competentes, exame de admissão equivalente aos programas finais do curso primário, quando os candidatos não forem portadores de diploma de grupo escolar).
- c) — Seleção biológica dos trabalhadores destinados aos Cursos Rápidos de Aprendizado e Aperfeiçoamento. (Haverá ainda, para estes, exame que prove conhecimentos suficientes para o aprendizado escolhido).
- d) — Seleção biológica das jovens destinadas ao Curso de Dietistas. (Haverá ainda, por meio das secções competentes, exame vestibular de Química, Física e de História Natural).

Alem disso, o Gabinete de Psicotécnica encarregar-se-á da organização do fichário escolar e individual, de todos os alunos dos diferentes cursos da Escola, acompanhando "pari passu" os seus trabalhos na Escola e fóra dela, afim de lhes apurar o rendimento post-escolar e lhes

proporcionar assistência profissional, caso a mesma se torne necessária, orientando-os e os encaminhando na vida prática, de maneira a transformá-los em técnicos realmente produtivos e capazes.

#### A ADMISSÃO — EXTENSÃO E ESPECIALIZAÇÃO

Serão as seguintes as condições estabelecidas para ingresso nos diferentes cursos da Escola Técnica Superior:

- 1.º) — Escola Técnica Superior, propriamente dita, ou seja curso de 3 anos, para formação de condutores de trabalho nas indústrias, professores e mestres para o ensino profissional:
  - a) — Curso ginásial completo
  - b) — Seleção biológica e vocacional
  - c) — Exame vestibular de Matemática e Desenho
- 2.º) — Curso para formação de diretores e inspetores para escolas profissionais, em um ano:
  - a) — Curso completo da Escola Técnica Superior, propriamente dita
  - b) — Seleção por concurso de notas obtidas na Escola acima
- 3.º) — Curso de Dietistas — em dois anos — para formação de dietistas:
  - a) — Curso ginásial completo
  - b) — Seleção biológica e vocacional
  - c) — Exame vestibular de Química, Física e História Natural
- 4.º) — Curso para formação de professoras e inspetoras de alimentação, em um ano:
  - a) — Diploma do Curso de Dietista
  - b) — Seleção por concurso de notas obtidas na Escola acima

5.º) — Escola Profissional Secundária ou Escola de Aplicação anexa, com um ano de vocacional e três de curso:

- a) — Diploma de Grupo Escolar ou exame de habilitação equivalente
- b) — Seleção biológica

6.º) — Cursos Rápidos de Aprendizado e Aperfeiçoamento, em 3 a 12 meses:

- a) — Seleção biológica
- b) — Prova de conhecimento fundamental do ramo de ofício e das noções teóricas indispensáveis ao aprendizado ou ao aperfeiçoamento na profissão escolhida.

Quanto à especialização e extensão dos cursos, a Escola Técnica Superior oferecerá as seguintes possibilidades:

- 1.º) — Escola Técnica Superior, propriamente dita: curso de 3 anos com alta especialização nos seguintes ramos de ofícios, à escolha dos candidatos:
  - a) — Química industrial
  - b) — Escultura
  - c) — Pintura decorativa
  - d) — Desenho industrial
  - e) — Artes aplicadas
  - f) — Ebanisteria artística
  - g) — Entalhação
  - h) — Mecânica geral
  - i) — Mecânica de motores de explosão
  - j) — Mecânica de aviação
  - k) — Eletrotécnica
  - l) — Serralheria artística
  - m) — Ferraria e caldeiraria
  - n) — Fundição
  - o) — Outros ofícios

A Escola terá ainda um curso geral de aulas teóricas,

obrigatório para os alunos, por grupos de disciplinas, variáveis de acôrdo com a especialização pretendida, compreendendo as seguintes matérias:

- a) — Química
- b) — Matemática aplicada às profissões
- c) — Tecnologia
- d) — Higiene industrial
- e) — Legislação, especialmente do trabalho
- f) — Física mecânica e eletrotécnica
- g) — Desenho técnico
- h) — Plástica
- i) — Contabilidade industrial
- j) — História da Arte
- k) — Educação: psicologia, pedagogia e prática de ensino

NOTA: — Conforme a especialização escolhida, os alunos receberão aulas de grupos de disciplinas que forem considerados necessários ao seu aprendizado técnico. Assim, apenas parte destas matérias será ensinada a cada uma das diferentes turmas de alunos.

2.º) — Curso para formação de diretores e inspetores: um ano de estudos com alta especialização, com as seguintes disciplinas teórico-práticas:

- a) — Administração escolar
- b) — Administração industrial
- c) — Legislação escolar e industrial
- d) — Psicotécnica e noções de estatística
- e) — Sociologia
- f) — Educação: psicologia, pedagogia e prática de ensino.

NOTA: — Os alunos farão ainda estágios de prática nas escolas anexas, bem como na Superintendência do Ensino Profissional, estabelecimentos de ensino técnico e indústrias.

3.º) — Curso de Dietistas, em dois anos, para formação de dietistas, com as seguintes matérias:

1.º ANO — Química mineral e orgânica — Puericultura — Higiene — Anatomia e fisiologia humanas

2.º ANO — Dietética — Teoria e prática em cozinhas, refeitórios, laboratórios, colônias climáticas, dispensários de puericultura e hospitais

4.º) — Curso para formação de professoras e inspetoras de alimentação, em um ano, com as seguintes matérias: Dietética — Educação: psicologia, pedagogia, prática de ensino e estatística

NOTA: — As alunas farão estágios de prática em hospitais, refeitórios, internatos colegiais, colônias climáticas, dispensários de puericultura, laboratórios, hospitais, etc.

5.º) — Escola Profissional Secundária ou Escola de Aplicação anexa, com um ano de vocacional e mais três de curso geral, obedecendo ao padrão estabelecido para esse tipo de escolas no Ensino Profissional do Estado.

6.º) — Cursos Rápidos de Aprendizado e Aperfeiçoamento, em 3 a 12 meses, conforme a especialização pretendida, instalados de maneira a atender às necessidades mais prementes da indústria. Tais cursos serão mantidos em colaboração com os industriais ou independentemente.

#### A TEORIA E A PRÁTICA

O ensino, em todos os cursos da Escola Técnica Superior, incluindo-se as Escolas anexas, tem finalidade essencialmente prática. Exceto os Cursos Rápidos de

Aprendizado e Aperfeiçoamento, que não contam com parte teórica, o ensino das matérias de cultura geral constitui apenas um complemento às lições práticas. Assim, as aulas gerais revestir-se-ão, tanto quanto possível, de características práticas, visando colaborar diretamente na produção e na qualidade do serviço manual dos técnicos. O ensino prático ocupará nunca menos de metade do período total de aulas, chegando em alguns casos a ultrapassar esse limite.

A tarefa do ensino da parte teórica será na verdade grandemente simplificada, na Escola Técnica Superior, atendendo-se ao fato de que os seus alunos já possuirão curso ginásial completo, com razoável preparo intelectual, considerado satisfatório para o grau de especialização técnica a que atingirão.

#### CAPACIDADE DE PREPARAÇÃO DE TÉCNICOS

Nos diferentes cursos da Escola Técnica Superior, neles compreendidas as escolas anexas, serão matriculados pouco mais de 1.500 alunos. Tendo em vista a necessidade da formação de trabalhadores altamente especializados nos cursos superiores, bem como o fato de que é indispensável manter nas escolas anexas um regime de completo e integral aproveitamento dos alunos, foram propositivamente reduzidas as matrículas em todos os cursos. Assim, a Escola Técnica Superior contará com os seguintes totais de alunos:

#### ESCOLA TÉCNICA SUPERIOR

1.º ano — 300 alunos	
2.º ano — 270 alunos	
3.º ano — 250 alunos . . . . .	Total . . . . . 820 alunos

#### CURSO PARA FORMAÇÃO DE DIRETORES E INSPETORES

1 ano — 80 alunos . . . . .	Total . . . . . 80 alunos
-----------------------------	---------------------------

#### CURSO DE DIETISTAS

1.º ano — 30 alunas	
2.º ano — 25 alunas . . . . .	Total . . . . . 55 alunas

#### CURSO PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E INSPETORAS DE ALIMENTAÇÃO

1 ano — 20 alunas . . . . .	Total . . . . . 20 alunas
-----------------------------	---------------------------

#### ESCOLA PROFISSIONAL SECUNDÁRIA ANEXA

Vocacional — 100 alunos	
1.º ano — 80 alunos	
2.º ano — 60 alunos	
3.º ano — 60 alunos . . . . .	Total . . . . . 300 alunos

#### CURSOS RÁPIDOS DE APRENDIZADO E APERFEIÇOAMENTO

Em todos os cursos — 300 alunos . . . . .	Total . . . . . 300 alunos
---	----------------------------

TOTAL GERAL . . . . . 1.575 alunos

Cumpre ainda notar, nestas cifras, que a capacidade dos cursos rápidos de aprendizado e aperfeiçoamento pode ser ampliada, à medida que forem assinados contratos de cooperação com as indústrias ou o permitirem os recursos da Escola Técnica Superior. Quanto à Escola de Aplicação anexa, que formará técnicos de nível médio, com preparação profissional acurada, não acreditamos haver conveniência na ampliação de suas matrículas, a fim de que não fique prejudicada a eficiência do ensino nela ministrado.

## DIARIAS E PRÊMIOS

No início destas considerações, tivemos oportunidade de fazer referência a um dos motivos que impedem à mocidade que deixa os cursos ginasiais o prosseguimento dos estudos: a falta de recursos para sua manutenção e para o custeio da frequência aos estabelecimentos de ensino. Como essa mocidade, dotada de razoável preparo, que constitui material humano de primeira ordem, não pode ser deixada ao abandono, no interesse mesmo da coletividade brasileira, julgamos indispensável o estabelecimento de diárias para os alunos da Escola Técnica Superior.

A iniciativa não representa novidade. Já foi posta em prática, com excelentes resultados, no ensino profissional oficial. Por outro lado, constituiria excelente incentivo à matrícula nos cursos da Escola Técnica Superior, durante os primeiros anos de seu funcionamento. Facilitaria aos alunos a sua manutenção nos estudos e ao mesmo tempo concorreria para firmar definitivamente o conceito e o nome desse novo tipo de escola. Quando fôsse considerado oportuno, seria revogada a concessão de diárias.

Assim sendo, nos primeiros anos de funcionamento, a Escola Técnica Superior deverá pagar, a seus alunos, as seguintes diárias:

Escola Técnica Superior	— 1.º ano —	5\$000
	2.º ano —	6\$000
	3.º ano —	7\$000
Curso de Dietistas	— 1.º ano —	4\$000
	2.º ano —	5\$000

Cumprido notar que esse pagamento de diárias possibilitará ainda muito melhor seleção dos candidatos à matrícula, pela afluência de alunos para os diferentes cursos da Escola. Por outro lado, para os cursos de formação

de directores e inspetores para estabelecimentos de ensino profissional e de professoras e inspetoras de alimentação, julgamos desnecessária a concessão de diárias. Convem mesmo que para eles se encaminhem somente os alunos fortemente inclinados a tais estudos, demonstrando decidida vocação: e a esses não será preciso acenar com as diárias.

Ao mesmo tempo, ao lado das diárias, o Governo do Estado concederá, aos alunos mais distintos de cada turma, diplomada na Escola Técnica Superior, prêmios constantes de viagens de estudo ao estrangeiro, onde tais elementos farão estágios de prática e de observação nos mais importantes centros industriais alienígenas, aprimorando dessa maneira o seu preparo técnico.

## O CONTRATO DE TÉCNICOS

O provimento dos cargos de professores e mestres da escola, para as aulas gerais e de oficinas, respectivamente, será sempre feito por meio de provas de títulos e de competência, havendo contrato dos mesmos por tempo indeterminado, isto é, enquanto bem servirem. Justifica-se essa precaução: o ensino na Escola Técnica Superior será essencialmente dinâmico, precisando acompanhar passo a passo o progresso das indústrias e da técnica em geral. Não se concebe, portanto, a existência de professores ou mestres que, embora capazes, se mostrarem impossibilitados de evoluir e de acompanhar a marcha do progresso industrial.

Por outro lado, sendo necessário, o Governo poderá ainda contratar técnicos estrangeiros, para determinados cargos, quando não fôr possível encontrar profissionais brasileiros devidamente habilitados para o exercício do magistério técnico em certas especializações mais complexas.

Este capítulo, dos professores e mestres, será de suma importância, para o bom êxito do empreendimento. Acreditamos que remunerando os professores e mestres

com os vencimentos de 1:200\$000 mensais será viável o contrato de profissionais competentes. Trata-se, na totalidade dos casos, de técnicos que mesmo fóra da Escola, nas horas vagas, poderão trabalhar por conta própria, suprimindo assim a necessidade de melhores vencimentos, à vista do fato comprovado de que as organizações públicas, aqui como em tôda a parte, não podem pagar vencimentos por demais elevados.

#### O CICLO ESCOLAR COMPLETO

Conforme se terá verificado pela exposição feita e pelo gráfico que ilustra o presente, o ciclo escolar completo, para os alunos diplomados pelo curso mais longo, da Escola Técnica Superior, que é o destinado à formação de diretores e inspetores para os estabelecimentos de ensino profissional, será o seguinte:

Período escolar primário	—	4 anos
Período ginásial	—	5 anos
Escola Técnica Superior	—	3 anos
Curso de Diretores e Inspetores	—	1 ano
<hr/>		
TOTAL GERAL	—	13 anos

Conclúe-se, portanto, que dos 20 aos 22 anos poderá estar diplomado o aluno da Escola Técnica Superior, a qual, assim, cedo proporcionará à nossa juventude uma alta especialização técnica, com possibilidade imediata de trabalho bem remunerado e fácil de encontrar.

Não se poderá negar, por certo, a incontestável vantagem de uma obra desta envergadura, capaz de dotar a nossa mocidade de apurada técnica profissional, capaz de encaminhá-la com preparo esmerado para as oficinas e os grandes estabelecimentos industriais do País, onde a riqueza nacional se transforma e se multiplica, num labor contínuo que garante a grandeza sempre crescente de nossa terra.

#### AS DISPOSIÇÕES LEGISLATIVAS

O gráfico que anexamos a este trabalho resume perfeitamente a organização da Escola Técnica Superior, apresentando a sua principal estrutura. Resta somente como redigir em definitivo o ante-projeto de decreto relativo á criação e instalação a pequenos detalhes, bem temos a honra e a satisfação de propôr: êsse ante-projeto de decreto encontra-se mesmo esboçado e delineado, dependendo a sua apresentação somente da acolhida que merecer esta exposição de motivos.

### A NACIONALIZAÇÃO INTEGRAL DO TRABALHO

Seja-nos permitido, ainda, como palavras finais, chamar a atenção de quantos nos honrarem com a leitura destas considerações, para o mais importante papel reservado á Escola Técnica Superior, no seio da coletividade brasileira — a nacionalização integral do trabalho nas nossas indústrias.

Propositadamente, deixamos para encerramento destas ligeiras notas o estudo dessa questão, que se nos afigura de vital interesse para todos os brasileiros. Dirigimos ao mesmo tempo um apêlo ao patriotismo e um conatamento ao trabalho: o momento é altamente oportuno, na verdade, para êsse gigantesco esforço em prôl da nacionalização da mão de obra industrial.

O nosso govêrno, com a sua sábia política de estimular por todos os meios os órgãos que incrementam a produção, empenha-se atualmente no adextramento de vários tipos de trabalhadores, para as diferentes atividades industriais do País. Temos já, em nosso Estado, o maior parque de indústrias da América Latina. Apesar de tudo, porem, é certo que a produção industrial brasileira não passava ainda de 12 milhões de contos de réis, em 1938, dos quais somente São Paulo produz 5 milhões. O nosso consumo interno, contudo, pode ser estimado em 40 milhões de contos de réis, sem exagêro, havendo ainda pos-

sibilidade segura de rápido incremento do comércio de artigos manufaturados com os países vizinhos; êsse comércio já é avultado, mas pode ser muito mais desenvolvido, principalmente com a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e a Bolívia.

Por tudo isso, vemos que a nossa indústria, se bem que bastante ativa e já ultrapassando o valor da produção agrícola, está muito aquém das nossas necessidades. Precisamos de mais fábricas, de maior número de trabalhadores, de capitais sem conta para a organização de um parque industrial ainda mais pujante.

E devemos acaso esperar que, com a guerra que atualmente enluta grande parte do mundo e com a cessação das hostilidades, canalizem-se para o nosso País, em procura de ambiente mais favorável ao trabalho, capitais e técnicos estrangeiros? Devemos acaso facilitar essa invasão, desnacionalizadora das nossas indústrias, ficando de braços cruzados, numa atitude contemplativa de incapazes, á espera de que venham elementos de fóra, alguns perturbados pelo deflagrar de paixões e de conflitos, para dominar em número, em qualidade e em capitais, nas nossas indústrias?

Por certo que não. O Brasil precisa de uma grande indústria, porem que seja indústria nacional, de brasileiros, nossa por todos os títulos.

Não desdenhamos, evidentemente, o valor do concurso da mão de obra e dos capitais alienígenas. Seria insensato querer diminuir o alcance da cooperação de milhares de industriais e de técnicos que nos auxiliaram a construir as nossas primeiras grandes organizações manufatureiras. Devemos gratidão, pelo valioso serviço que nos prestaram, a quantos vieram de outras terras para trabalhar conosco. E' tempo, entretanto, de caminharmos independentemente, por nossos próprios meios, pelas nossas próprias fôrças, livres da dependência absoluta de contribuições de qualquer fórmula que nos venham do estrangeiro. E' tempo, em resumo, de emanciparmos a nossa indústria da importação de técnicos de outros países.

É absolutamente indispensável, portanto, que preparemos os nossos técnicos. Serão eles, esses técnicos superiores formados na escola cuja organização esboçamos apenas, os verdadeiros e sólidos alicerces de uma indústria integralmente nacional, entranhadamente nacionalista. Agora, que se prepara o govêrno para elevar os altos fornos da siderurgia, agora mais do que nunca carecemos de mão de obra altamente especializada, como somente a Escola Técnica Superior será capaz de fornecer. Seria desejável que já possuíssemos técnicos dêsse grau de preparo profissional, em número suficiente. Como não os temos, contudo, urge por isso mesmo lançar mãos à tarefa, imediatamente, como bons brasileiros que somos, para dar ao Brasil os profissionais de que a sua indústria carece, para tornar-se capaz de garantir o nosso progresso até o limite extremo das imensas possibilidades que a nossa terra proporciona.

Eis, certamente, uma campanha de nacionalismo, de civismo sadio e realizador, à qual, estamos certos, não faltará — como nunca faltou — o apôio dos nossos esclarecidos governantes e o aplauso de todos os brasileiros verdadeiramente patriotas.

**HORACIO A. DA SILVEIRA**

Superintendente do Ensino Profissional

São Paulo, novembro de 1940

Secretaria da Educação e Saúde Pública  
Superintendência do Ensino Profissional

# Organização da Escola Técnica Superior



Capacidade

Curso especializado			
1º ano	2º ano	3º ano	Diretores
300 alunos	270 alunos	250 alunos	80 alunos
Matrícula: 900 al/ano			

Conclusão provável: 200

Curso de dietistas

1º ano		2º ano		Professores	
30 alunos	25 alunos	25 alunos	20 alunos	20	20
Matrícula: 75 al/ano					

Escola de aplicação anexa

Vocac. 1º ano		2º ano		3º ano	
100 alunos	80 alunos	60 alunos	60 alunos	60	60
Matrícula: 300 al/ano					

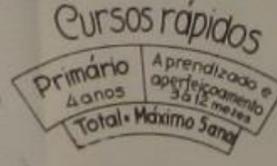
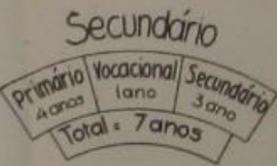
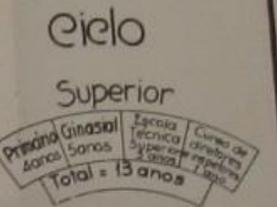
Cursos rápidos

3 meses		6 meses		9 meses		12 meses	
100 alunos	100 alunos	50 alunos	50 alunos	50	50	50	50
Matrícula: 300 al/ano							

**Escola de aplicação anexa**  
Campo de prática para os alunos da Escola Técnica Superior  
a-Vocacional - 1 ano  
b-Secundário - 3 anos



**Cursos rápidos de aprendizado e aperfeiçoamento de 3 a 12 meses**  
Campo de prática para os alunos da Escola Técnica Superior



## Escola Técnica Superior

Curso altamente especializado para formação de condutores de trabalho para indústrias, professores e mestres para estabelecimentos de ensino profissional e professores e auxiliares em alimentação.

Formação de condutores de trabalho para indústrias, professores e mestres para estabelecimentos de ensino profissional.

**Curso para formação de condutores de trabalho, professores e mestres**  
Curso geral - Aulas de ação com a especialização profissional - 3 anos

a- Química	g- Higiene industrial	o- Química industrial	i- Mecânica de motores de explosão
b- Física mecânica e eletrotécnica	h- Contabilidade industrial	b- Escultura	j- Mecânica de aviação
c- Matemática aplicada às profissões	i- Legislação especialmente do trabalho	c- Pintura decorativa	k- Eletrotécnica
d- Desenho técnico	j- História da arte	d- Desenho industrial	l- Serralheria artística
e- Tecnologia	k- Educação, psicologia pedagógica e prática de ensino	e- Artes aplicadas	m- Ferraria e caldeiraria
f- Plástica para alguns ofícios		f- Ebanisteria artística	n- Fundição e outros ofícios
		g- Entalhas	
		h- Mecânica geral	

**Curso de dietistas**

1º ano	2º ano
a- Química mineral e orgânica	a- Dietética:
b- Puericultura	1- Teoria
c- Higiene	2- Prática em cozinhas, refeitórios, laboratórios, colônias climáticas permanentes, dispensários de puericultura, hospitais.
d- Anatomia e Fisiologia humanas	

Formação de dietistas que prestarão serviços nos refeitórios públicos modelo creches, internatos oficiais, etc.

Estágio de prática na Superintendência do Ensino Profissional, estabelecimentos de ensino e indústrias.

**Curso para formação de diretores e inspetores de Escolas Profissionais**  
mais 1 ano

a- Administração escolar	e- Educação: psicologia, pedagogia e prática de ensino
b- Administração industrial	f- Sociologia
c- Legislação escolar e industrial	
d- Psicotécnica e noções de estatística	

**Curso para formação de professores de dietética**  
mais 1 ano

a- Dietética
b- Educação: psicologia, pedagogia, prática de ensino e estatística.

Estágios de prática em hospitais, refeitórios, creches, internatos, colônias climáticas permanentes, dispensários de puericultura.

**Fotografado por**

**Maria Lucia Mendes de Carvalho**

**São Paulo, 18 de fevereiro de 2016**

**Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional**

**Centro Paula Souza**